

Os rios e os seus mediadores

COLETIVO GUARDA RIOS

[Álvaro Fonseca, Francisco Pinheiro e Nuno Barroso]

<https://guardarios.org/>

 10.34640/universidademadeira2023rios



O SEVER CORRE PARA NORTE

A curiosidade levou-nos uma vez mais a caminhar nas margens do rio Sever. Depois das descargas abruptas da barragem de Cedillo uns meses antes e dos cenários apocalípticos que observámos, queríamos constatar como se encontravam agora as suas margens e o seu caudal. Na zona não afectada pela albufeira de Cedillo, o Sever corria livre e proporcionou o primeiro banho do ano e um piquenique idílico na sua margem. O Sever, tal como o Sado, corre de sul para norte.

Fotografia © Nuno Barroso

Somos um coletivo de investigação e criação em torno dos territórios ribeirinhos. Propomos uma cultura da água e uma aproximação aos rios, através de ações artísticas participativas e processos de co-aprendizagem, convivialidade e celebração.

Desde 2019 temos percorrido geografias que vão do interior ao litoral, de norte a sul do país, dos meios rurais aos centros urbanos, em sucessivas residências artísticas, nas quais mapeámos questões relacionadas com a gestão da água ou o impacto humano sobre os ecossistemas fluviais, e que partilhámos em eventos, exposições e atividades com público.

Para este artigo, decidimos destacar a figura de mediador pelo facto de as nossas residências se terem baseado em diferentes formas de mediação para mapear e ler as camadas visíveis e invisíveis, materiais e imateriais, naturais e culturais, dos territórios ribeirinhos visitados.

Quando falamos de mediadores, referimo-nos naturalmente às pessoas com quem nos cruzámos e nos deram acesso a diferentes realidades, atuais e passadas, daqueles territórios – pescadores, construtores de embarcações, pastores, agricultores, ativistas, empreendedores locais, arqueólogos –, mas também às próprias paisagens e aos objetos que recolhemos, às imagens, sons e vídeos que registámos.

Um exemplo são os desenhos de Alexandre Fonseca, antigo Guarda-Rios de profissão que nos deixou preciosos testemunhos pictóricos da sua leitura do território em volta das povoações de Perais e Monte Fidalgo (Tejo internacional), que enriqueceram a nossa própria pesquisa e o mapeamento da região, com aspectos do quotidiano rural e ribeirinho ou dos costumes e lendas locais, mas também da gestão comunitária dos campos de cultivo e pastoreio (baldio do Monte das Vilelas) e perspectivas de desenvolvimento da região.

ALEXANDRE FONSECA

Fomos guiados até aos desenhos e poemas de um guarda-rios de profissão. Já falecido, Alexandre Fonseca criou nos últimos anos de vida desenhos, textos e poemas com ideias e visões ecologistas para o território onde sempre viveu. O colectivo Guarda Rios retrabalhou alguns dos desenhos e reorganizou-os em formato livro.

Fotografia © Nuno Barroso



A partir dos seus desenhos, criámos uma publicação em risografia e que se junta agora como um mediador do coletivo, para ativar narrativas e memórias de uma região do Tejo, mas também como pretexto para um debate mais alargado sobre o interior do país.

Na primeira residência na região do Tejo internacional, o nosso encontro inicial com o rio aconteceu junto ao cais de Vila Velha de Ródão, numa tarde quente e serena que nos revelou um espelho de água rematado pelo perfil das Portas de Ródão. A aparente tranquilidade da paisagem escondia uma evidência que quase nos passou despercebida e que nos foi transmitida dias mais tarde em conversa com um outro mediador, António Pinto, membro de uma antiga família de pescadores do Tejo: “Não é um rio, é uma albufeira!”. De facto, o que tínhamos pela frente era a massa de água acumulada a montante da barragem do Fratel e não o rio que flui livremente pelo leito atravessado por camadas de xisto e de quartzito até meados dos anos 70 e que durante centenas de milhares de anos cavou a fenda que acabou por gerar as Portas de Ródão.



ANTÓNIO PINTO
Pescador de Vila Velha de Ródão, António chegou a viver com a família numa ilha a meio do Tejo, quando este era um rio livre sem barragens.
Fotografia © Nuno Barroso

Durante uma das residências na região do Douro internacional, estivemos em conversa com António Velho, o pescador da aldeia de Bemposta conhecido por “Escalo”, que nos falou de um rio Douro antes das barragens, com “muita cachoeira e muitas quedas de água fortes”, tão bravo que se fazia ouvir nas aldeias. Impactaram-nos sobretudo as histórias com o seu pai, com quem passava a noite nas margens do rio, e as suas diferentes

estratégias para poder pescar uns quantos quilos de peixe: barbos, bogas, escalos, enguias, espécies em acentuado declínio, cada vez mais difíceis de encontrar nos nossos rios. Quando se construiu a Barragem da Bemposta, em 1964, Escalo acabou por ser contratado para trabalhar na área da metalização e decapagem a pressão de ar. Hoje tem problemas respiratórios associados a essa profissão.

ESCALO

O Escalo, como é conhecido na Bemposta, foi pescador no rio Douro quase toda a vida. Partilhou connosco muitas histórias e aventuras. O Escalo é o pescador que surge no filme *Trás os Montes* de Margarida Cordeiro e António Reis. Escalo é também o nome de um peixe autóctone dos rios ibéricos.

Fotografia © Nuno Barroso



A história de vida de Escalo, tal como a de António Pinto ou os desenhos de Alexandre Fonseca permitem-nos encontrar paralelismos e chegar a um conjunto de revelações sobre o estado dos rios e dos territórios envolventes. Uma delas é a de que as pessoas com quem nos cruzámos vivem de facto em *sacrifice zones* (na aceção de Nick Estes), ou seja, lugares que foram profundamente alterados a pretexto de produzir energia ou de extrair algum tipo de recurso da terra. Em Portugal estas “zonas de sacrifício” social e ambiental, têm servido para a construção de barragens (Douro, Tejo, Guadiana), para a plantação de monoculturas de eucalipto (celulose) ou de olival (azeite) e para a exploração mineira (cobre, zinco, tungstênio, volfrâmio, existindo crescentes prospecções para a extração de lítio).

Daí que quando se fala sobre a necessidade de os mais jovens se fixarem no “interior”, em muitos casos do que estamos a falar é destes lugares de sacrifício, com

vertiginosas monoculturas de eucalipto que podem arder a qualquer momento ou lagos artificiais com “praias fluviais” distópicas.

Encontramos, contudo, uma enorme potência vital nestes mediadores dos rios, sejam pessoas ou outras formas de vida, que nos inspiram a cocriar com aqueles lugares, a olhar para os territórios de forma sistémica e a fazer melhores perguntas, que podem ser tão básicas como esta: Afinal o que é um rio?

Álvaro Fonseca, Francisco Pinheiro, Nuno Barroso

/ Coletivo Guarda Rios /

www.guardarios.org



BARCOS DESDOBRÁVEIS

Residência em Mértola onde finalizámos a construção dos barcos desdobráveis na nossa oficina móvel. Remámos até à ribeira de Oeiras para os testar e desfrutámos do magnífico cenário que o Guadiana oferece nesta região.

Fotografia © Nuno Barroso



ENCONTRO DE MOVIMENTOS

Convidámos uma série de movimentos e associações do Alto e Baixo Guadiana para debater e trocar ideias sobre o actual estado do rio Guadiana e territórios adjacentes. Por um lado a barragem do Alqueva e a agricultura intensiva estiveram inevitavelmente no centro do debate, por outro foram partilhados projectos de resistência, regeneração e activismo na defesa do território.

Fotografia © Nuno Barroso



ALIMENTAÇÃO
DIACRÓNICA

Em 2021 organizámos um encontro entre diferentes artistas, investigadores e coletivos ligados ao rio Tejo, na Tapada da Tojeira. Este evento terminou com um jantar paleolítico idealizado e preparado pela Ana Braz (Arqueóloga). Houve coelho e codornizes assados, e lingueirão e amêijoas cozidos no chão sobre pedras pré-aquecidas pelas brasas.

Fotografia © Nuno Barroso

ORÁCULO

Momento em que procuramos o mediador do oráculo que nos fará uma previsão do futuro – da vida na terra, do comum – a partir do / *Ching, o Livro das Mutações.*

Fotografia © João Versos Roldão



JANGADA

Concerto improvisado sobre a jangada, com a participação de André Tasso em diálogo com captação em tempo real de hidrofones do Francisco.

Fotografia © Nuno Barroso



Álvaro Fonseca

Define-se como investigador e activista eco-social, tendo vindo a desenvolver acções em escolas e em espaços públicos ou associativos, na sequência de colaborações com pessoas de diversas áreas do conhecimento, como a educação, a investigação artística e o activismo político. É membro da Rede para o Decrescimento (activismo social e ambiental), participou no Movimento Gerações (activismo político) e na organização da Ajudada (<http://www.ajudada.org/>), e mais recentemente tem colaborado com estruturas de investigação artística, como o c.e.m.-centro em movimento (<http://www.c-e-m.org/>) ou o Museu da Crise (<http://museudacrise.org/>), e de educação ambiental, como a FAREDUCA (<https://far-educa.blogspot.com/>). Escreve sobre temas diversos da contemporaneidade nos blogues *Transição* ou *Disrupção* (http://transicao_ou_disrupcao.blogs.sapo.pt/) e *Respigador da Internet* (<https://respigadordanet.blogspot.com/>).

Francisco Pinheiro

É artista visual e a sua prática tem partido de investigações em torno de narrativas coletivas ligadas à água. Tem desenvolvido instalações, vídeos, textos e performances apresentados em eventos culturais, projetos on-line, exposições individuais e colectivas. Destacam-se as seguintes participações: *TISANAS: Infusões para tempos próximos* (curadoria de Maria do Mar Fazenda), Centro de Artes da Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2022; *Territórios nómadas – percursos performativos* (curadoria de Joana Braga, Margarida Brito Alves e Margarida Medeiros), Trafaria, Almada, 2021; *COSMO/POLÍTICA#6* (curadoria de Sandra Vieira Jürgens e Paula Loura Batista), Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira, 2020; *Chamar os pássaros*, 4ª edição do Lisboa Soa, 2019; *Um deserto numa piscina: Califórnia*, publicação online *Wrong Wrong* – <https://wrongwrong.net/artigo/um-deserto-numa-piscina-california>, 2018; *Os Índios da Meia-Praia* (curadoria de Nuno Faria), Galeria 111, Lisboa, 2016. É mestre em Novos Géneros pela San Francisco Art Institute, EUA (2014) e é licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2005).

Nuno Barroso

Estudou Engenharia do Ambiente na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e fotografia no coletivo Kameraphoto e no Atelier de Lisboa (Projecto, Fotografia e Arte Contemporânea, Projecto em Fotografia com António Júlio Duarte). Fez parte do Grupo de Acção e Intervenção Ambiental (GAIA), do coletivo da Casa Senhora do Monte (*project house*) e colaborou regularmente com a QUERCUS — Núcleo Regional de Castelo Branco, em actividades de conservação de avifauna selvagem. Participou em 2011 na residência *Partly Cloudy*, comissariada por Boris Mikhailov, em Donetsk, Ucrânia, e em 2012 integrou a residência da Fundação Armando Álvares Penteado em São Paulo, Brasil. Trabalha em fotografia e vídeo em projectos colaborativos relacionados com ambiente e actividades humanas. Dos trabalhos recentes destacam-se: *Cemitério das Âncoras* — um projecto de vídeo e som em torno da paisagem litoral e do universo da pesca de pequena escala, em colaboração com a artista suíça Veronika Spierenburg; projecto *SUSTENTAR*, organizado pela Bienal de Fotografia do Porto e os municípios de Loulé, Silves e Albufeira, trabalho fotográfico de investigação em torno do futuro geoparque Algarvensis.